



A literatura como forma de representação histórica: o caso do escritor norte-americano Howard Fast.

Rafael Belló Klein¹

Recebido em: 31/03/2019

Aceito em: 28/05/2019

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma breve análise de duas obras literárias do escritor norte-americano Howard Fast, à luz dos desenvolvimentos teóricos do chamado narrativismo, particularmente dos aportes de Hayden White, e de suas consequências para o estudo da literatura. De fato, além do reconhecimento dos aspectos ficcionais da escrita historiográfica, White também chama atenção para a validade da literatura enquanto representação do passado. Considerando a obra de Fast a partir deste viés, examinarei os romances históricos *The Last Frontier* e *Freedom Road*, que abordam, respectivamente, um episódio das Guerras Indígenas no Oeste americano e o período da Reconstrução no Sul. Procurarei demonstrar como estas obras possuíam uma sólida base de pesquisa bibliográfica e documental acerca das épocas históricas em questão, na medida em que Fast – autor comprometido com os valores americanistas de liberdade e democracia e, ao mesmo tempo, com o movimento comunista e os pressupostos do materialismo marxista – procurava contar uma história verdadeira, que corrigisse as concepções distorcidas pelo racismo e conservadorismo presentes na sociedade americana. Neste sentido, ao considerarmos a literatura como uma forma legítima de representação histórica, podemos estar atentos aos modos como sentidos sobre o passado circulam, difundem-se e modificam-se em determinada sociedade.

Palavras-chave: Literatura; História dos Estados Unidos; Representação Histórica.

Literature as a form of historical representation: the case of north american writer Howard Fast.

ABSTRACT

The object of the present paper is to make a brief analysis of two literary works of North American writer Howard Fast, in light of the theoretical developments of narrativism, particularly the contributions of Hayden White, and its consequences to the study of literature. In fact, in addition to the recognition of the fictional aspects of historiographical writing, White also points out to the validity of literature as a representation of the past. Seeing Fast's works through this viewpoint, I will examine the historical romances *The Last Frontier* and *Freedom Road*, which portrait, respectively, an episode of the Indian Wars in American West and the age of Reconstruction in the South. I will try to demonstrate that these works had a solid bibliographical and documental research base about the historical periods in question, since Fast – an author committed to the Americanist values of freedom and democracy and, at

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: belloklein@gmail.com. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7799976155967610>.



the same time, with the communist movement and the concepts of Marxist materialism – sought to write a true story that corrected the conceptions distorted by the racism and conservatism present in American society. In this sense, considering literature as a legitimate form of historical representation, we are able to notice the ways in which meanings about the past circulate, spread and change in a society.

Keywords: Literature; American History; Historical Representation.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a defender o ponto de vista de que a literatura histórica, ou seja, aquela que toma o passado como objeto central de seu enredo, quando propriamente feita, pode ser considerada como uma forma legítima de representação histórica. Afirmarões deste gênero, bem como os pressupostos teóricos dos quais derivam, foram, até bem pouco tempo, motivo de grande polêmica e controvérsia nos círculos historiográficos e, para alguns mais conservadores, talvez ainda o sejam.

De fato, a disciplina histórica se caracterizou, desde seu estabelecimento no século XIX, pela reivindicação de um lugar de cientificidade, que se definia, em boa medida, em função de sua alteridade em relação à ficção literária. O historiador Beverley Southgate (2014, p. x) sintetizou bem este posicionamento:

From the earliest times, historians have defined their subject by direct reference to its absolute distinction from fiction: history is history precisely because it is *not* fiction, but aspires rather to supplant fiction with *fact*. Writers of fiction may make use of historical backgrounds and contexts for their imaginative creations, but they remain outside the pale of proper history: a clear frontier marks them off from what, at least from the nineteenth century, has developed as an autonomous and professional *discipline*².

Neste sentido, o estabelecimento da história como uma disciplina profissional teve como característica central a demarcação de uma rígida fronteira entre o seu domínio e o da ficção literária, barreira esta que foi fervorosamente sustentada e policiada pelos historiadores na defesa da legitimidade científica de seu campo (SOUTHGATE, 2014, p. 1-2). Efetivamente, conforme afirmou Michel de Certeau, a história criou um lugar para si ao

² “Desde os tempos mais antigos, os historiadores definiram sua matéria por referência direta à sua absoluta distinção da ficção: história é história precisamente porque *não* é ficção, mas aspira, ao contrário, a suplantare a ficção com o *fato*. Escritores de ficção podem fazer uso de cenários e contextos históricos para suas criações imaginativas, mas eles permanecem fora do âmbito da verdadeira história: uma clara fronteira os separa do que, pelo menos desde o século XIX, se desenvolveu como uma *disciplina* autônoma e profissional”. Tradução minha. Grifos do autor.



eliminar aquilo que não se conformava à sua própria noção de cientificidade, exilando a literatura para a zona do “ficcional”, do imaginário, do trivial (CERTEAU, 2000, p. 17-26).

Estes aspectos da historiografia disciplinar já foram notadamente analisados por meio das reflexões empreendidas por autores ligados à vertente do narrativismo, particularmente a partir das ideias de Hayden White. Com efeito, um dos principais aportes teóricos desta corrente narrativista está relacionada à ideia da consideração do “texto histórico como artefato literário” (WHITE, 2014, p. 98), isto é, da recuperação do caráter fundamentalmente narrativo e ficcional da escrita histórica, não como algo que impacta negativamente na produção do conhecimento historiográfico, devendo ser restringido e tolhido, mas como algo inerente a ele.

Não pretendemos discorrer longamente aqui sobre estes desenvolvimentos teóricos, os quais já foram amplamente debatidos por diversos autores. Entretanto, quero me reportar e dar ênfase a um determinado aspecto desta linha argumentativa que não é tão frequentemente abordado. Refiro-me à noção, desenvolvida por White, de que, se por um lado o processo de escrita da história pressupõe a presença de elementos ficcionais na elaboração do seu enredo, por outro, a literatura também possui uma validade enquanto representação histórica:

Mas o escopo do escritor de um romance deve ser o mesmo que o do escritor de uma história. Ambos desejam oferecer uma imagem verbal da “realidade”. O romancista pode apresentar a sua noção desta realidade de maneira indireta, isto é, mediante técnicas figurativas, em vez de fazê-lo diretamente, ou seja, registrando uma série de proposições que supostamente devem corresponder detalhe por detalhe a algum domínio extratextual de ocorrências ou acontecimentos, como o historiador afirma fazer. Mas a imagem da realidade assim construída pelo romancista pretende corresponder, em seu esquema geral, a algum domínio da experiência humana que não é menos “real” do que o referido pelo historiador. Não se trata, pois, de um conflito entre dois tipos de verdade (que o preconceito ocidental com relação ao empirismo como única via de acesso à realidade nos impingiu), de um conflito entre a verdade da correspondência, de um lado, e a verdade da coerência, de outro. Toda história precisa submeter-se tanto a padrões de coerência quanto a padrões de correspondência se quiser ser um relato plausível do “modo como as coisas *realmente* aconteceram”. Pois o preconceito empirista é reforçado pela convicção de que a “realidade” é não só perceptível como coerente na sua estrutura. Uma simples lista de afirmações existenciais singulares, passíveis de confirmação, não indica um relato de realidade se não houver alguma coerência, lógica ou estética, que as ligue entre si. Da mesma forma, toda ficção deve passar por um teste de correspondência (deve ser “adequada” como imagem de alguma coisa que está além de si mesma), se pretender apresentar uma visão ou iluminação da experiência humana do mundo. Quer os eventos representados num discurso sejam interpretados como partes diminutas de um todo molar, quer como possíveis ocorrências dentro de uma totalidade perceptível, o discurso tomado na *sua* totalidade como imagem de alguma realidade comporta uma relação de correspondência com aquilo *de que* ele constitui uma imagem. É nesse duplo sentido que todo discurso escrito se mostra cognitivo em seus fins e mimético em seus meios. E isto vale também para o discurso mais



lúdico e aparentemente mais expressivo, para a poesia tanto quanto para a prosa e até para aquelas formas de poesia que parecem querer iluminar apenas a própria “escrita”. Neste aspecto, a história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica (WHITE, 2014, p. 138).

No trecho relativamente extenso acima reproduzido, White questiona justamente os pressupostos de empirismo da ciência moderna, que distingue entre uma verdade da correspondência, a da história, que buscaria elaborar uma descrição fiel aos acontecimentos passados, e uma verdade da coerência, a da literatura, que buscaria meramente produzir uma imagem plausível deles. Como vimos, para White, esta é uma postura duplamente inadequada, na medida em que tanto a historiografia não pode pretender ser uma simples relação de fatos, que se encadeariam automaticamente, visto que a história não possui um sentido previamente determinado, mas este é dado através das escolhas narrativas do historiador que lhe dotam de coerência; quanto a narrativa literária possui também um aspecto cognitivo, não somente retórico e ficcional, mas que corresponde a alguma realidade externa e ela própria. É neste sentido que podemos argumentar em favor do entendimento da literatura como uma modalidade de representação histórica.

Esta perspectiva é também apresentada por Ann Rigney (2001, p. 9) na sua análise da obra de Sir Walter Scott, o grande modelo do romancista histórico do século XIX:

(...) Scott used his freedom as a novelist to combine historical evidence with fictitious events. I argue that his deviations from evidence reflect (...) the limits of his engagement with the alterity of the past. They can also be seen as a response to the inherent difficulties involved in representing historical reality – and in particular aspects of everyday life – in the form of narrative. Representability is bought with the help of invention and hence at the cost of weakening, though not canceling, the claim to have represented the past satisfactorily. From the contemporary reactions to *Old Mortality* (1816), it is clear that Scott’s readers indeed accepted in principle the novelist’s freedom to invent, at the same time as they considered his novels to be representations of the collective past. This role was not reflected, however, in their granting it the status of actual “history” (an image that is taken as true)³.

³“(…) Scott usou sua liberdade como romancista para combinar evidências com eventos fictícios. Eu argumento que seus desvios da evidência refletem (...) os limites de seu engajamento com a alteridade do passado. Eles também podem ser vistos como uma resposta às inerentes dificuldades envolvidas em representar a realidade histórica – e, em particular, os aspectos da vida diária – na forma da narrativa. A representabilidade é comprada com a ajuda da invenção e, portanto, ao custo de enfraquecer, mas não de cancelar, a reivindicação a ter representado o passado satisfatoriamente. Pelas reações contemporâneas a *Old Mortality* (1816), está claro que os leitores de Scott efetivamente aceitaram, em princípio, a liberdade do romancista de inventar, ao mesmo tempo em que consideravam seus romances representações do passado coletivo. Este papel não se refletiu, no entanto, em que eles os concedessem o status de “história” propriamente dita (uma imagem que é tomada como verdade)”. Tradução minha.



Ao mencionar “os limites do engajamento com a alteridade do passado”, Rigney aponta para a existência de uma assimetria cognitiva (ROBINSON, 2011, p. x) entre a experiência do passado e a tentativa de produzir uma narrativa a respeito dele; há uma “diferença morfológica estrutural” entre a realidade histórica e a tentativa de sua representação: ao passo que esta é verbal e textual, aquela é não-narrativa e não verbal (KUUKANEN, 2015, p. 42). Em razão disso, existe uma dificuldade inerente em reproduzir narrativamente a realidade passada, tarefa levada a cabo por meio da inserção de elementos ficcionais, tanto na escrita histórica como na literária. A literatura, no entanto, faz uso dos recursos criativos muito mais livremente, fator que não a faz perder sua validade como representação do passado. De fato, como vimos, de acordo com Rigney, os próprios leitores de Scott viam seus romances históricos desta forma, mesmo reconhecendo que não eram obras de história propriamente ditas.

Efetivamente, a literatura tem um interessante potencial junto à esfera pública de uma sociedade. Ao serem compreendidas como narrativas que articulam representações legítimas de eventos ou épocas passadas, as obras de ficção histórica são capazes de promover uma ligação afetiva com o passado, difundir novos significados a respeito dele e agir no sentido de ampliar os horizontes históricos. Esta concepção é apresentada por Southgate (2011, p. 10), ao comentar o pensamento da própria Rigney:

(...) as Ann Rigney has written, ‘The fascinating thing about imaginative literature is that it provides a laboratory where historically variable ways of seeing the world are expressed through the prism of poetical forms in such a way that they are made uniquely observable both for contemporaries and later historians’. That is to say, novelists, unconstrained by any pressures to disciplinary consensus, might be more free than historians to look at the past in fresh ways – and so, as individual observers, catch sight of alternative people and events from alternative perspectives. Such writers can also foreground topics that have otherwise been ignored or sidelined, and so can act as catalysts in relation to other historical practice. Imaginative ‘artists’, suggests Ann Rigney, thus ‘help keep historical horizons open’.

This, then, is to turn on its head the conventional wisdom that fiction somehow contaminates history, introducing blemishes upon the pure face of factuality: it suggests, rather, that fiction can help to keep history creatively alive; not bound by the disciplinary rules of its more ‘rigorous’ partner, it can continue to extend the parameters of history’s interests and concerns, by proposing and providing fresh evidence for what the subject might consist of⁴.

⁴ “(...) como Ann Rigney escreveu, ‘O fascinante a respeito da literatura imaginativa é que ela proporciona um laboratório onde modos historicamente variáveis de ver o mundo são expressos através do prisma das formas poéticas de tal forma que elas são tornadas peculiarmente observáveis tanto para seus contemporâneos, quanto para os historiadores posteriores’. Isto é dizer, os romancistas, não constrictos por quaisquer pressões ao consenso disciplinar, podem estar mais livres do que os historiadores para olhar para o passado de novas maneiras – e



Esta é uma perspectiva fundamental para o presente artigo, uma vez que rompe com a noção tradicional de que a literatura não deve ter participação na construção do conhecimento histórico e de que a ficção que a caracteriza é algo que contaminaria a pureza da factualidade historiográfica. Ao contrário, entendemos que, justamente por não estar constricta pelo mesmo rigor disciplinar, a literatura tem a capacidade de “manter a história criativamente viva”, olhando para o passado de diferentes maneiras e trazendo para o centro da atenção pública novos acontecimentos, sujeitos, grupos sociais e questionamentos anteriormente ignorados, marginalizados, mal abordados ou, ainda, caracterizados de maneira incorreta pela historiografia. Perceberemos a importância desta questão mais adiante, ao tratarmos do exemplo de caso que aqui nos propomos a analisar.

Por ora, cabe destacarmos ainda as ideias apresentadas por Richard Slotkin, que avançam mais um passo nesta linha de pensamento que viemos desenvolvendo. Argumentando em favor da utilização da ficção histórica em conjunção com a produção historiográfica, Slotkin (2005, p. 231) ressalta as possibilidades abertas por ela:

Precisely because the novel imaginatively recovers the *indeterminacy* of a past time, it is *not* bound simply to celebrate the mere outcome; but leaves the writer and reader free to explore those alternative possibilities for belief, action and political change, unrealized by history, which existed in the past. In doing so, the novelist may restore, as *imaginable possibilities*, the ideas, movements and values defeated or discarded in the struggle that produced the modern state – may produce a *counter-myth*, to play into and against the prevailing myths of the nation⁵.

Slotkin discute esta questão em termos de uma mitologia nacional, que a escrita da história ajuda, em boa medida, a formar. Neste contexto, ele afirma que a ficção, particularmente o gênero do romance histórico, é capaz de romper com os mitos

então, como observadores individuais, entrever pessoas e eventos alternativos a partir de perspectivas alternativas. Tais escritores podem também colocar em primeiro plano tópicos que foram, de outra forma, ignorados ou marginalizados e, assim, podem atuar como catalisadores em relação à outra prática histórica. ‘Artistas’ imaginativos, sugere Ann Rigney, assim, ‘ajudam a manter os horizontes históricos abertos’. Isto, então, significa inverter a sabedoria convencional de que a ficção de algum modo contamina a história, introduzindo defeitos sobre a face pura da factualidade: sugere, ao contrário, que a ficção pode ajudar a manter a história criativamente viva; não limitada pelas regras disciplinares de seu parceiro mais ‘rigoroso’, ela pode continuar a ampliar os parâmetros dos interesses e preocupações históricos, ao propor e providenciar novas evidências a respeito do que a matéria pode consistir”. Tradução minha.

⁵ “Precisamente porque o romance imaginativamente recupera a *indeterminância* de um tempo passado, ele *não* se limita simplesmente a celebrar o mero resultado; mas deixa o escritor e o leitor livres para explorar aquelas possibilidades alternativas de crença, ação e mudança política, não-realizadas pela história, que existiram no passado. Ao fazer isto, o romancista pode restaurar, como *possibilidades imaginadas*, as ideais, movimentos e valores derrotados ou descartados na luta que produziu o Estado moderno – pode produzir um *contra-mito*, para contrapor com e contra os mitos prevalecentes da nação”. Tradução minha. Grifos do autor.



predominantes de uma sociedade, ao recuperar a “indeterminância” do tempo passado, as múltiplas possibilidades e caminhos existentes em um dado momento, e dissolvendo, assim, a ideia de que a história possui um sentido determinado. Neste sentido, ao retratar imaginativamente um evento ou período histórico, a literatura resgata outras alternativas possíveis, mas não concretizadas, ao longo do processo histórico: movimentos sociais, iniciativas, aspirações ou ideais que acabaram derrotados ou rejeitados no decorrer do percurso. Dessa forma, podemos dizer que o destaque dado a estas “possibilidades imaginadas” e ao caráter de indeterminação do passado por parte da escrita literária permite a afirmação de uma postura eminentemente progressista, na medida em que não apenas as diversas alternativas políticas, sociais e culturais das épocas passadas são passíveis de serem recuperadas, mas também se abre caminho para que, de modo semelhante, se considerem novas possibilidades para o próprio tempo do escritor e do leitor.

Estes pressupostos teóricos que começamos a delinear nos servirão bem para iniciarmos a análise do estudo de caso que propomos esboçar aqui, relacionado à obra do escritor norte-americano Howard Fast.

2 HOWARD FAST: ASPECTOS BIOGRÁFICOS, LITERÁRIOS E POLÍTICOS

Embora Howard Fast (1914-2003) tenha sido um dos escritores mais produtivos dos Estados Unidos no século XX, tendo publicado mais de quarenta romances, além de contos detetivescos, obras infantis, autobiográficas e textos políticos e teóricos, em cerca de setenta anos de carreira literária⁶, ele permanece, em grande parte, pouco conhecido do público, tanto brasileiro, quanto norte-americano. Dessa maneira, convém tecermos algumas considerações acerca de sua trajetória biográfica⁷ e literária.

Fast nasceu em Nova York, em uma família de imigrantes de origem judaica, e teve uma infância marcada por obstáculos: a perda da mãe, as dificuldades econômicas da família, a experiência de antissemitismo nas ruas de seu bairro. Entretanto, ainda na sua juventude, ele encontrou um refúgio nos livros, que retirava da biblioteca pública mais próxima e lia com avidez. Decidindo dedicar-se a uma carreira de escritor, Fast conseguiu publicar seu primeiro

⁶ Uma relação das obras publicadas por Fast pode ser encontrada em <http://www.trussel.com/hf/novels.htm>.

⁷ Os elementos dessa trajetória aqui apresentados foram extraídos de sua principal e mais acessível biografia: SORIN, Gerald. *Howard Fast: Life and Literature on the Left Lane*. Bloomington: University of Indiana Press, 2012.



romance em 1933, aos dezoito anos. Apesar de não ter sido um sucesso imediato, este foi o primeiro passo no estabelecimento de um percurso literário que viria a ser longo e bem-sucedido, e cuja principal marca seria o gênero do romance histórico.

De fato, uma das características distintivas da obra de Fast é justamente o seu interesse por temas históricos, particularmente pela história dos Estados Unidos. De modo semelhante, dificilmente poderíamos falar a respeito da literatura de Fast sem mencionarmos um dos marcos fundamentais de sua trajetória: o seu envolvimento com o Partido Comunista Americano. Com efeito, tendo convivido com as contradições da sociedade americana, Fast manifestou desde muito cedo uma afinidade com os ideais de esquerda, que se aprofundaram ainda mais com seu ingresso, em 1941, no *Office of War Information* (OWI), organização do governo americano voltada para a produção de notícias e propaganda de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. No OWI, ele conheceu diversos membros do partido engajados, como ele, no combate ao fascismo, aproximando-se ainda mais dos ideais comunistas. A partir disso, Fast acabou aderindo ao partido em 1943, permanecendo seu membro ativo por mais de uma década, até 1957.

Durante o período em que esteve ligado ao partido comunista, Fast acabou se tornando uma de suas principais faces nos Estados Unidos, chegando a concorrer, sem sucesso, a uma cadeira no Congresso Americano, em 1952, e a ganhar o Prêmio Stalin da Paz, em 1953. Por outro lado, a notoriedade de seu engajamento político fez com que ele acabasse sofrendo com a repressão governamental promovida pelo macarthismo⁸. Efetivamente, entre o final da década de 1940 e a década de 1950, na fase inicial da Guerra Fria, os Estados Unidos viveram a emergência de uma segunda onda de *red scare*, semelhante ao que já havia ocorrido no final dos anos 1910. Neste contexto, difundiu-se a paranoia de que uma “ameaça vermelha” pairava sobre a nação, centrada na atuação do congressista anticomunista Joseph McCarthy. Sob a perseguição política do macarthismo, Fast acabou sendo chamado a depor perante o *House of Un-American Activities Committee* (HUAC), comissão do congresso para investigar o envolvimento de cidadãos com atividades subversivas ou “antiamericanas”, que foi um dos principais instrumentos repressivos macarthistas. A convocação estava relacionada à organização chamada *Joint Anti-Fascist Refugee Committee* (JAFRC), de cujo quadro de diretores Fast participava, que levantou fundos para a construção de hospitais para vítimas do

⁸ Estas experiências são recontadas pelo próprio Fast em sua obra memorialística FAST, Howard. *Being Red*. Armonk: M.E. Sharpe, 1994.



combate ao franquismo na Espanha. O comitê macarthista desejava saber os nomes dos financiadores da JAFRC. Negando-se a delatar seus colaboradores, Fast foi preso por desacato ao Congresso, em 1950.

A partir de então, Fast foi incluído na chamada *blacklist*, relação de artistas e intelectuais suspeitos de terem ligações com o movimento comunista, os quais tinham sua produção e atuação dificultada pelo Estado. De fato, ele chegou a ser monitorado pelo FBI, teve o pedido de renovação de seu passaporte negado, teve palestras canceladas e foi barrado em alguns *campi* universitários, teve livros retirados de bibliotecas públicas e algumas editoras foram proibidas de reeditar alguns de seus livros. Além disso, Fast encontrou dificuldades para publicar obras posteriores, como no caso de sua obra mais conhecida, *Spartacus*, de 1951, que teve que ser publicado por conta própria, por meio da criação de sua própria editora, a Blue Heron Press.

Mesmo diante destas adversidades, Fast manteve-se firme como membro do partido comunista até 1957, quando sua crescente insatisfação com algumas diretrizes partidárias, particularmente no sentido de tentar interferir na sua produção literária, aliada à confirmação dos rumores da perseguição stalinista aos judeus na União Soviética, fizeram com que ele se desligasse do partido. Ainda assim, pode-se dizer que este período em que esteve vinculado ao movimento comunista teve um profundo impacto em sua escrita literária. Com efeito, podemos discernir dois momentos muito distintos na carreira literária de Fast: um primeiro período que vai da sua primeira publicação até seu desligamento do partido, quando suas obras adquirem progressivamente um tom engajado e socialmente crítico; e um segundo, a partir de sua desvinculação do movimento comunista, quando elas perdem, em boa medida, esta característica, ainda que com algumas notáveis exceções.

O recorte da pesquisa que venho desenvolvendo, da qual este artigo sintetiza alguns dos resultados, corresponde a obras situadas no primeiro estágio de sua carreira. Nesta fase, podemos identificar alguns pressupostos que compunham seu universo conceitual e influenciavam decisivamente seus escritos teóricos e literários⁹.

Em primeiro lugar, Fast apresenta um comprometimento com elementos da teoria marxista, que se manifesta de forma crescente até culminar em sua adesão ao partido

⁹ Uma análise dos principais pressupostos que compunham o universo conceitual de Howard Fast nesta primeira fase de sua carreira foi esboçada por mim no artigo KLEIN, Rafael Belló. “O Homem e os Livros: os Princípios Norteadores da Literatura de Howard Fast”. In: *Fenômenos Culturais no Amálgama Social – Reunião de Artigos do CIPCS*. Jaguarão: CLAEC, 2018, p. 1163-1176.



comunista, quando se converte em uma explícita afiliação ao gênero conhecido como realismo soviético. Esta vertente literária previa justamente a aplicação direta dos conceitos do materialismo dialético na composição narrativa da literatura, a fim de que ela pudesse ser verdadeiramente realista, isto é, revelasse, evidenciasse e refletisse textualmente a natureza essencial da realidade, a luta de classes. Assim, desejava-se que a literatura pudesse ser uma arma a serviço da criação de uma consciência de classe e da libertação do povo.

Neste sentido, ao examinarmos a obra de Fast podemos perceber claramente a sua identificação com os ideais marxistas, a qual se desdobra em outros dois aspectos. Primeiramente, há a defesa de uma perspectiva essencialmente humanista que deriva desta sua postura materialista. Dentro da corrente do realismo soviético, o homem deve estar no centro da narrativa, assim como aquilo que é intrinsecamente humano, sobretudo, o trabalho e a política. Em segundo lugar, como consequência do seu posicionamento marxista, Fast manifesta uma concepção de tempo baseada na ideia de continuidade. De fato, a luta pela libertação do homem e do trabalho humano configura, dentro da ótica materialista apresentada por Fast, uma luta contínua que atravessa os tempos. Dessa forma, podemos compreender a afinidade de sua obra com temáticas históricas, não apenas por uma questão de gosto pessoal, mas também no sentido de assumir a tarefa de trazer novamente à tona e chamar atenção para episódios desta grande trajetória de luta que perpassa a história da humanidade.

Além disso, Fast manifesta também uma profunda identificação com os ideais fundacionais da nação americana, particularmente com os valores de liberdade e democracia. Esta característica, que denomino de “americanismo”, era fundamental no pensamento de Fast e influenciou diretamente na sua escrita literária, tanto no sentido de sua preferência de adotar os Estados Unidos como centro de sua referência, como cenário de boa parte de seus romances, quanto no de seu objetivo de abordar narrativamente acontecimentos e períodos históricos relacionados à luta pela conquista da liberdade e democracia plenas. Esta perspectiva americanista apresentada por Fast pode, em um primeiro momento, parecer entrar em contradição com a questão de sua incorporação dos conceitos marxistas e do realismo soviético. Entretanto, ao invés disso, estes elementos complementavam-se, visto que, na ótica de Fast, o movimento comunista representava a culminação dos ideais americanos de liberdade e democracia.

Por fim, cabe ainda mencionarmos outros dois elementos que compunham este universo conceitual de Fast e que se conectam essencialmente com sua identificação com os



conceitos marxistas e com os valores democráticos americanistas. O primeiro deles diz respeito ao seu firme posicionamento antifascista, que direcionava tanto ao nazi-fascismo europeu durante a Segunda Guerra Mundial, que buscou ativamente combater por meio de seu engajamento na OWI, quanto ao macarthismo, que compreendia como o avanço das forças fascistas nos Estados Unidos. Em segundo lugar, é importante destacarmos a identidade judaica de Fast, que se articulava não tanto a partir do matiz religioso, mas sim em função de sua identificação com os valores universalistas e engajados da tradição de judaísmo secular radical. Neste sentido, podemos afirmar que tanto seu antifascismo quanto sua ligação com a herança secular judaica favoreceram o florescimento em Fast de uma empatia para com os povos explorados, marginalizados, violentados e exterminados ao longo da história e para com a sua luta por direitos, por liberdade e pela vida.

Em suma, estes elementos – a identificação com o movimento comunista, com o ideário e os conceitos marxistas, e com a corrente literária do realismo soviético, o humanismo, a concepção temporal baseada na ideia de continuidade, o americanismo que enfatizava os valores de liberdade e democracia, o antifascismo e o judaísmo secular radical – eram todos nuances fundamentais do universo conceitual de Fast. Consideramos importante expô-los, ainda que brevemente, aqui porque eles são essenciais para compreendermos seus romances históricos escritos na primeira fase de sua carreira, notadamente os que trataremos a seguir para o centro da presente análise: *The Last Frontier* e *Freedom Road*.

3 A HISTÓRIA AMERICANA EM *THE LAST FRONTIER* E *FREEDOM ROAD*

Publicados, respectivamente, em 1941 e 1944, *The Last Frontier* e *Freedom Road* são dois dos romances mais significativos de Fast no que se refere ao tratamento com a história americana. Deste modo, cabe-nos expor uma breve síntese de ambas as obras.

Em *The Last Frontier*, traduzido na edição brasileira como “Fronteira de Fogo”, Fast busca retratar literariamente um dos acontecimentos das Guerras Índigenas norte-americanas, conhecido como o “êxodo dos cheyenne”. Este episódio consistiu na fuga, em 1878, de uma tribo de índios cheyenne do norte, lideradas pelos chefes Little Wolf e Dull Knife¹⁰, de uma reserva no Território Índigena do Oklahoma, onde estava confinada em precárias condições.

¹⁰ Little Wolf e Dull Knife foram importantes lideranças dos *cheyenne* do norte, cujos nomes significam, literalmente, Lobo Pequeno e Faca Cega.



Partindo em direção à sua terra natal, as Black Hills da Dakota do Sul, os cheyenne foram perseguidos pelo exército ao longo do Meio-Oeste americano. A fuga teve um desfecho trágico, quando metade da tribo foi dizimada em Fort Robinson, Nebraska, após ter sido capturada, e a outra metade rendeu-se pouco tempo depois. No primeiro esboço de *The Last Frontier*, Fast tentou contar esta história do êxodo dos cheyenne sob a ótica dos próprios indígenas. No entanto, ele foi dissuadido desta ideia pelo editor Sam Sloan, que viria a publicar o romance, após o manuscrito de *The Last Frontier* ter sido rejeitado pela editora que originalmente o tinha financiado (FAST, 1994, p. 73). Em sua versão definitiva, a obra é narrada sob o ponto de vista do “homem branco”, através do olhar de oficiais do exército e membros da administração pública, personagens históricos como o General William T. Sherman, veterano da Guerra Civil, e o alemão Carl Schurz, Secretário do Interior na época, além dos lendários homens do Oeste, Wyatt Earp e Bat Masterson.

Por sua vez, *Freedom Road*, traduzido como “O Caminho da Liberdade”, aborda outro período histórico, o complexo contexto da Reconstrução (1865-1877) no Sul dos Estados Unidos. A época é retratada a partir da trajetória do protagonista Gideon Jackson, personagem fictício criado por Fast, mas que, de acordo com ele, sintetiza experiências vivenciadas por diversos atores reais daquele tempo (FAST, 1995, p. 262). No romance, Gideon é um ex-escravo de uma grande *plantation* de algodão da Carolina do Sul, cujo antigo dono fugiu e abandonou o terreno com o início da Guerra Civil. Após o término do conflito a comunidade negra recém-liberta da escravidão que ainda habitava na antiga propriedade senhorial elege Gideon como seu representante na Convenção que iria elaborar uma nova Constituição para seu estado. Com grande dificuldade, Gideon vai para a cidade de Charleston, onde ocorre a Convenção, alfabetiza-se e participa da elaboração da Constituição, visando conquistar o direito ao voto, à educação e à posse de terras. A Constituição, que foi formulada em sua maioria por negros e brancos favoráveis ao projeto de integração promovido pela Reconstrução, foi aprovada em 1868, mesmo enfrentando a resistência e o desdém da antiga elite escravocrata. Ao voltar à sua terra, Gideon consegue unir os negros e brancos pobres que habitavam na região para comprar parte das antigas terras senhoriais e ali continuarem a viver legalmente. Forma-se, assim, uma espécie de núcleo democrático comunitário, que passa a sofrer ataques e intimidações por parte da Ku Klux Klan, que começava a se organizar no Sul. A narrativa de Fast avança até 1876, ano da vitória amplamente polêmica de Rutherford Hayes na eleição presidencial, a qual significou na prática um compromisso entre os partidos



de acabar com a experiência da Reconstrução. De fato, muitas conquistas da Convenção Constitucional estavam sendo deixadas de lado e o Sul presenciava a imposição das leis Jim Crow, que institucionalizavam a segregação racial, e o avanço da violência promovida pelo Klan, prenunciando o fim trágico do romance: Gideon e seus companheiros são massacrados por um imenso contingente do Klan, incitado por uma falsa acusação de estupro contra três negros membros da comunidade.

Além de terem sido grandes sucessos comerciais e de crítica na época, que por própria admissão de Fast (1994, p. 135) alavancaram sua carreira literária, ambas as obras têm em comum o fato de enfocarem episódios e períodos históricos ligados a grupos sociais marginalizados e violentados ao longo da história dos Estados Unidos. Dessa forma, elas levantam questionamentos acerca da desigualdade na aplicação dos direitos básicos da nação americana, da plena vigência dos valores de liberdade e democracia em todos os setores sociais. Além disso, outra semelhança aproxima *Freedom Road* e *The Last Frontier*: como era característico dos romances históricos de Fast, ambos possuíam uma boa base de pesquisa documental e bibliográfica, visando a escrita de uma história que retratasse o passado de maneira fiel e verdadeira.

Neste sentido, cabe retomarmos o argumento de Richard Slotkin, no artigo já aqui citado anteriormente, que reforça a validade da literatura como uma representação do passado, sobretudo aquela assentada em uma sólida pesquisa: “There is no reason why, in principle, a novel may not have a research basis as good or better than that of a scholarly history; and no reason why, in principle, a novelist’s portrayal of the past may not be truer and more accurate than that produced by a scholarly historian” (SLOTKIN, 2005, p. 222)¹¹.

Esta perspectiva é reforçada pela ideia de que a ficção histórica, se feita responsabilmente, isto é, se for comprometida com a criação de uma imagem verdadeira do passado através deste levantamento bibliográfico e documental, “(...) can be an effective instrument of popular education; or at least a means for stimulating interest in the study of history” (SLOTKIN, 2005, p. 222)¹². Como veremos, esta era justamente a intenção de Howard Fast na escrita de *The Last Frontier* e *Freedom Road*, de modo que o processo de

¹¹ “Não há razão por que, em princípio, um romance não possa ter uma base de pesquisa tão boa quanto, ou melhor do que a de uma história acadêmica; e não há razão por que, em princípio, o retrato do passado de um romancista não possa ser mais verdadeiro ou preciso do que aquele produzido por um historiador acadêmico”. Tradução minha.

¹² “(...) pode ser um instrumento efetivo de educação popular; ou, ao menos, um meio para estimular o interesse no estudo da história”. Tradução minha.



escrita dos dois romances compreendeu uma importante pesquisa acerca dos períodos históricos retratados.

A ideia para a escrita de *The Last Frontier*, por exemplo, surgiu justamente a partir da leitura de um livro sobre a região do Powder River, escrito por Maxwell Struthers Burt¹³, que mencionava a travessia do povo cheyenne pelo deserto. Nunca tendo ouvido falar deste incidente, Fast manifestou o desejo de contar a sua história em um romance e entrou em contato com a editora Simon and Schuster, que já havia publicado uma de suas obras, conseguindo um adiantamento para que pudesse colher mais informações sobre os indígenas e o episódio histórico em questão.

Para isso, Fast entrou em contato com um professor da Universidade de Oklahoma, chamado Stanley Vestal, a quem considerava a maior autoridade no estudo dos nativo-americanos das Grandes Planícies (FAST, 1997, pos. 135):

In 1939, he wrote to Professor Stanley Vestal at the University of Oklahoma in Norman, a specialist in Indian history and lore, and in return received a five-page single-spaced letter full of information and leads about Indian anthropology, ritual, history, and language, with specific material on the Cheyenne (SORIN, 2012, p. 38)¹⁴.

As anotações e indicações enviadas pelo professor Vestal a Fast certamente proporcionaram um importante substrato para o início das pesquisas para *The Last Frontier*. Entretanto, não satisfeito, Fast queria ter a sua própria experiência da fronteira, além de obter mais informações e conversar com os indígenas que ainda habitavam no Oklahoma. Dessa forma, apesar das dificuldades financeiras que ainda tinha neste início de carreira, ele e sua esposa fizeram uma viagem de carro para o Oeste, a qual relembra em sua obra memorialística *Being Red* (1994, p. 71-72):

I had read bits and pieces, never a full story, of the magnificent running battle and flight to freedom of Chief Little Wolf and his Cheyenne Indians. I wanted desperately to write about it, but the only way I could do so would be to go to Oklahoma, where the old Cheyenne reservation had been, and talk to some of the old Cheyennes still there. Also, in Norman, Oklahoma, at the university, there were Indian students and, on the faculty, a man named Stanley Vestal, who knew more about the Cheyennes than any white man in America. I told the story to Simon and

¹³ Provavelmente o livro em questão seja *Powder River: Let'er Buck*, de 1938, parte de uma coletânea sobre os rios dos Estados Unidos (FAST, 1997, pos. 122).

¹⁴ “Em 1939, ele escreveu para o professor Stanley Vestal da Universidade de Oklahoma em Norman, um especialista em história e cultura indígena e, em resposta, recebeu uma carta de cinco páginas com espaçamento simples, cheia de informações e pistas sobre antropologia, rituais, história e linguagem indígena, com materiais específicos sobre os cheyenne.”. Tradução minha.



Schuster and talked them into paying me \$100 a month for an entire year. We had \$200 in our bank account. Ninety dollars bought us an ancient Pontiac to replace our Ford, and with \$110 to live on, we set off for Oklahoma. It was a wonderful trip; (...) the world of the Great Plains was an incredible change for this survivor of the city streets. The country overwhelmed us, awed us. We spent a month in Norman, and then drove west to the Rockies and Arizona and New Mexico (...), and then we turned back on a new road through the White Mountains of the Southwest to the Rio Grande and into Mexico – and all with the excitement and awe of great personal discovery¹⁵.

Durante a viagem, Fast pode tomar contato pela primeira vez com a paisagem e a sentir a atmosfera do Oeste americano pessoalmente, elementos que contribuíram para a escrita do romance. Mas, mais do que isto, ele pôde também continuar a buscar mais informações e histórias a respeito do povo cheyenne:

But it was during our time at Norman that I tracked down the facts that became *The Last Frontier*. It was a wonderful adventure for two city kids, to sit through an evening with young Cheyenne and Crow students and listen to them play their ancient tribal music on wooden flutes, to talk to old, wrinkled Indians who remembered a childhood before the white man came, to watch Cheyenne athletes, tall, magnificently muscled men, playing football in their bare feet, and of course to meet Stanley Vestal. We spent hours with him, listening to his stories (...). On our way back to New York, hoarding our last few dollars, we stopped off at the Library of Congress in Washington to go through the single English-Cheyenne dictionary that existed, compiled by a Quaker missionary. It was available only in manuscript, an enormous scholarly work of almost 100,000 words. For the first time I realized the complexity of tribal language and the difficulty of conveying facts without modern verb forms (FAST, 1994, p. 72)¹⁶.

¹⁵ “Eu havia lido trechos e partes, nunca uma estória completa, da magnífica batalha andante e fuga para a liberdade do chefe Lobo Pequeno e seus índios *cheyenne*. Eu queria desesperadamente escrever sobre ela, mas a única maneira de fazer isso seria ir para o Oklahoma, onde ficava a velha reserva *cheyenne*, e falar com alguns dos velhos *cheyenne* ainda lá. Além disso, em Norman, Oklahoma, na universidade, havia estudantes indígenas e, na faculdade, um homem chamado Stanley Vestal, que sabia mais sobre os *cheyenne* do que qualquer homem branco nos Estados Unidos. Eu contei a estória para a Simon and Schuster e os convenci a me pagar 100 dólares por mês durante um ano inteiro. Nós tínhamos 200 dólares em nossa conta bancária. Com noventa dólares, compramos um velho Pontiac para substituir nosso Ford, e com 110 dólares para viver, partimos para o Oklahoma. Foi uma viagem maravilhosa; (...) o mundo das Grandes Planícies era uma incrível mudança para este sobrevivente das ruas da cidade. O campo nos impressionou, nos deslumbrou. Passamos um mês em Norman, e então dirigimos para o Oeste, para as Montanhas Rochosas e o Arizona e o Novo México, (...) e então voltamos por uma nova estrada através das White Mountains do sudoeste até o Rio Grande e adentrando o México – com toda excitação e deslumbramento de uma grande descoberta pessoal”. Tradução minha.

¹⁶ “Mas foi durante nosso tempo em Norman que eu segui o rastro dos fatos que se tornaram *The Last Frontier*. Foi uma maravilhosa aventura para dois garotos da cidade sentar por uma noite com jovens estudantes cheyenne e crow e escutá-los tocar sua antiga música tribal em flautas de madeira, conversar com velhos, enrugados indígenas que se recordavam de uma infância anterior à chegada do homem branco, assistir atletas cheyenne, homens altos, magnificamente musculosos, jogando futebol americano de pés descalços, e, é claro, conhecer Stanley Vestal. Nós passamos horas com ele, escutando suas histórias. (...)

No nosso caminho de volta a Nova York, nos agarrando aos nossos últimos poucos dólares, nós paramos na Biblioteca do Congresso em Washington para examinar o único dicionário inglês-cheyenne que existia, compilado por um missionário quaker. Ele só era disponível em manuscrito, um enorme trabalho de erudição de quase 100.000 palavras. Pela primeira vez eu percebi a complexidade da linguagem tribal e a dificuldade de transmitir fatos sem formas verbais modernas”. Tradução minha.



Além disso, de acordo com Sorin (2012, p. 39), durante a viagem de volta Fast teria examinado vários outros documentos sobre o caso dos cheyenne no “Bureau of Indian Affairs” da Biblioteca do Congresso, em Washington, e do “State Historical Society”, de Oklahoma¹⁷. Todo este esforço de pesquisa, baseado em documentos oficiais, bibliografia, anotações e conversas com um eminente historiador especialista no tema, o contato com as histórias e a cultura dos próprios indígenas, acabou por se materializar na escrita de *The Last Frontier*, que se tornou o maior sucesso de Fast até então. Dentre as muitas críticas positivas da obra, é interessante destacarmos a do escritor e biógrafo americano Carl Van Doren:

The Last Frontier is an amazing restoration and recreation. The characters breathe, the landscape is solid ground and sky, and the story runs flexibly along the zigzag trail of a people driven by a deep instinct to their ancient home. I do not know of any other episode of Western history that has been so truly and subtly perpetuated as this one. A great story has been found again, and as here told promises to live for generations (FAST, 1994, p. 74)¹⁸.

Van Doren destaca justamente o fato de que *The Last Frontier* acabava por recuperar uma parte esquecida da história do Oeste americano e que, a partir da narrativa de Fast, que a retratava de modo “verdadeiro”, ela iria permanecer na memória do público americano. Com efeito, esta parece ter sido a intenção de Fast ao escrever o romance, isto é, trazer à tona, por meio de sua narrativa ficcional, um episódio da história nacional, em grande parte negligenciado ou distorcido pela historiografia tradicional e pelos meios culturais de sua época, e contar a verdade sobre ele, ainda que literariamente. De fato, quando da publicação de *The Last Frontier* em 1941, tanto a história acadêmica, quanto os filmes e mesmo os livros de ficção sobre o Oeste apresentavam uma postura majoritariamente racista e conservadora, que entendia as Guerras Indígenas como parte necessária da expansão do território nacional e da marcha do progresso capitalista; postura segundo a qual os índios eram os selvagens que deveriam ser civilizados, os “bandidos”, e os americanos brancos eram os “mocinhos”. O próprio Fast (1997, pos. 135) chega a manifestar seu espanto ao tomar contato com os

¹⁷ Respectivamente, o “Escritório de Assuntos Indígenas” e a “Sociedade Histórica Estadual”.

¹⁸ “*The Last Frontier* é uma incrível restauração e recriação. Os personagens respiram, a paisagem é chão e céu sólidos, e a estória flui flexivelmente ao longo da trilha em ziguezague de um povo movido por um profundo instinto ao seu antigo lar. Eu não conheço nenhum outro episódio da história do Oeste que tenha sido tão verdadeira e sutilmente perpetuado como este. Uma grande estória foi encontrada novamente e, como contada aqui, promete viver por gerações”. Tradução minha.



descendentes dos indígenas e sua cultura, que na prática era muito distinta daquela retratada pelos produtos da indústria cultural americana, com os quais estava familiarizado.

De modo semelhante, também o processo de escrita de *Freedom Road* teve uma esteve ancorado na dupla matriz de pesquisa bibliográfica e experiências pessoais. A inspiração para um romance situado na época da Reconstrução surgiu para Fast em 1943, enquanto trabalhava para o OWI, ao se deparar com a questão da integração dos afro-americanos nas forças armadas (SORIN, 2012, p. 62).

During the months at the Office of War Information, I conceived the notion of a book about black Reconstruction in the South, more specifically in South Carolina. A number of things led me in this direction. While at the OWI, I set my researchers to work on the problem of the Negro (the word of the time) integration in the armed forces. Then there was the afternoon at Carl Van Doren's apartment, when Bette and I argued with Sinclair Lewis about anti-Semitism. Reports were beginning to filter out of Germany about the destruction of the Jews, and the question was sensitive indeed.

After that discussion about intolerance, all the notes and thinking that I had done for a novel about Reconstruction came together – and every moment I could steal from my work at the OWI was put to writing the new book. I would call it *Freedom Road* (FAST, 1994, p. 76)¹⁹.

Neste trecho, Fast deixa claro o momento em que concebeu a ideia para seu livro, bem como o fato de que usou os recursos à sua disposição no OWI para pesquisar sobre a questão racial nos Estados Unidos e sobre o período da Reconstrução. Além disso, Fast menciona a conversa com o escritor Sinclair Lewis ocorrida no apartamento de Carl Van Doren – o mesmo que já havia enaltecido seu romance *The Last Frontier* – sobre a questão do antissemitismo e como ela foi determinante para a escrita de *Freedom Road*. Podemos perceber aqui como a identidade judaica de Fast se articulava com um posicionamento marcadamente antirracista, na medida em que percebia a semelhança entre o preconceito, a discriminação e a violência racial para com os negros nos Estados Unidos com o dirigido aos judeus, tema ainda mais sensível diante das atrocidades nazistas na Segunda Guerra Mundial.

¹⁹ “Durante os meses no *Office of War Information*, eu concebi a ideia de um livro sobre a Reconstrução negra no Sul, mais especificamente na Carolina do Sul. Uma porção de coisas me levaram nesta direção. Enquanto estava na OWI, eu coloquei meus pesquisadores a trabalhar no problema da integração do negro (a palavra da época) nas forças armadas. Então houve a tarde no apartamento de Carl Van Doren, quando Bette e eu discutimos com Sinclair Lewis sobre o antissemitismo. Relatórios estavam começando a emergir da Alemanha sobre a destruição dos judeus, e a questão era realmente sensível.

Depois daquela discussão sobre intolerância, todas as anotações e o pensamento que eu havia feito para um romance sobre a Reconstrução confluíram – e cada momento que eu podia roubar de meu trabalho no OWI foi direcionado à escrita do novo livro. Eu iria chamá-lo de *Freedom Road*”. Tradução minha.



Esta empatia, proporcionada pelo sua identificação com a tradição secular judaica de radicalismo político, fundamentava um dos traços fundamentais de seu posicionamento: o combate ao racismo. Gerald Sorin (2012, p, 63) sintetiza bem esta relação entre judaísmo, antirracismo e comunismo na sua biografia de Fast:

Fast antiracist radicalism, to which large numbers of Jewish American were drawn, was home-grown. It grew out of the heartfelt conviction about the circumstances of racial segregation and injustice in the United States. It was not something imposed by Moscow; even if the rhetoric and behavior of American Communists flip-flopped dramatically on signals from the USSR about various other issues, changes in Soviet politics did not markedly influence the attitudes or behavior of Jewish American Communists about racial justice. (...) His Communism, however, was mediated by New York Jewish radicalism, which was profoundly committed to racial equality²⁰.

Diante da percepção de Fast de que “(...) antiblack prejudice and antisemitism were cut from the same cloth”²¹ (SORIN, 2012, p. 64), seguia que o combate ao antissemitismo deveria engendrar também a rejeição e a denúncia de toda forma de preconceito, particularmente do racismo negro nos Estados Unidos, que era bastante perceptível em seu cotidiano. Assim motivado para a escrita do livro que viria a se chamar *Freedom Road*, Fast pôde visitar a Carolina do Sul e entrar em contato com estes preconceitos persistentes de modo mais explícito na região. Esta oportunidade surgiu através de Charles Duell, um dos diretores de sua nova editora, Duell, Sloan and Pearce:

At a party given by Charles Duell, one of my new publishers, I met his wife Jo, who before her marriage had been Jo Pringle-Smith. If one accepts the idea, at least in a historic sense, that there was a true antebellum aristocracy in the South, and that the high domain of it was South Carolina, then the Pringle-Smiths occupied that upper tier. At the time I write of, they still maintained their old plantation as well as their mansion on the Charleston waterfront. Jo Duell was a beautiful, delightful woman, without the slightest pretense, and when I outlined the story I intended to tell, she became very interested and told me that to do it properly, I must spend a few days with her parents in Charleston. She said she would arrange it as soon as I could go, and that while her mother and father were delightful and hospitable people – as I found them to be – they did nurse certain prejudices, and I was not to let drop that I was Jewish. I suppose that if they had asked me, I would have admitted it, but they were too well bred to ask a personal question. Their house was like a museum, and my few days with them were invaluable to me in my attempt to finish *Freedom*

²⁰ “O radicalismo antirracista de Fast, para o qual um grande número de judeus americanos era atraído, era feito em casa. Ele cresceu a partir da sincera convicção a respeito das circunstâncias de segregação e injustiça racial nos Estados Unidos. Não era algo imposto por Moscou; mesmo que a retórica e o comportamento dos comunistas americanos variasse dramaticamente a partir dos sinais da União Soviética sobre várias outras questões, mudanças nas políticas soviéticas não influenciaram marcadamente as atitudes ou o comportamento dos comunistas judeus americanos sobre justiça racial. (...) Seu comunismo, entretanto, era mediado pelo radicalismo judaico nova-iorquino, que era profundamente comprometido com a igualdade racial”. Tradução minha.

²¹ “(...) o preconceito contra os negros e o antissemitismo eram feitos do mesmo tecido”. Tradução minha.



Road. The recognition that such gentle and kind people could harbor the prejudices they did was another step in my understanding of class position and racism (...) (FAST, 1994, p. 76)²².

Contudo, além deste contato em primeira mão com a questão do racismo no Sul dos Estados Unidos, a narrativa de *Freedom Road*, foi construída, também, por meio de um importante esforço de pesquisa, a exemplo do que já havia ocorrido ao longo do processo de escrita de *The Last Frontier*. De fato, o romance de Fast tinha como referência bibliográfica fundamental o clássico estudo sobre o período da Reconstrução *Black Reconstruction in America*, do intelectual afro-americano W.E.B. Du Bois (2013). Fast tomou contato com esta obra em uma viagem para Hollywood, quando tentava explorar a possibilidade de uma adaptação cinematográfica de seu livro *Citizen Tom Paine*:

On Fast's return train trip from Hollywood, in the summer of 1943, Frank Tuttle had been raving about *Black Reconstruction in America*, a book he'd just read, by the African American scholar and activist W.E.B. Du Bois (...).

When Fast got home he read Du Bois's eight-hundred-page book. "The thing burned a hole in me", he said. First published in 1935, *Black Reconstruction* completely overturned the anecdotal, racist notions that were the foundation of the "scholarship" of the Reconstruction period up to 1935. Du Bois's research completely discredited, even if it did not fully destroy, the myth that the post-emancipation South had degenerated, because of "negro incapacity", into economic and political anarchy and that it had been kept on a state of chaos by the Union forces during their military occupation (SORIN, 2012, p. 62)²³.

²² "Em uma festa dada por Charles Duell, um de meus novos editores, eu conheci sua mulher Jo, que antes de seu casamento havia sido Jo Pringle-Smith. Se se aceita a ideia, ao menos em um sentido histórico, de que havia uma verdadeira aristocracia pré-Guerra no Sul, e que seu alto domínio era a Carolina do Sul, então os Pringle-Smiths ocupavam este alto escalão. Na época sobre a qual escrevo, eles ainda mantinham sua antiga *plantation*, assim como sua mansão na beira-mar de Charleston. Jo Duell era uma linda e encantadora mulher, sem a menor pretensão, e quando eu esbocei a estória que eu pretendia contar, ela ficou muito interessada e me disse que, para escrevê-la devidamente, eu precisava passar alguns dias com seus pais em Charleston. Ela disse que o arranjaria assim que eu pudesse ir, e que, ainda que sua mãe e seu pai fossem pessoas encantadoras e hospitaleiras – como eu pude ver que eles eram – eles alimentavam certos preconceitos, e eu não deveria mencionar que eu era judeu. Eu acho que se eles tivessem me perguntado, eu o teria admitido, mas eles eram educados demais para fazerem uma pergunta pessoal. Sua casa era como um museu e meus poucos dias com eles foram inestimáveis para mim na minha tentativa de terminar *Freedom Road*. O reconhecimento de que pessoas tão gentis e amáveis pudessem nutrir os preconceitos que eles nutriam foi outro passo para minha compreensão de posição de classe e racismo (...)" Tradução minha.

²³ "Na viagem de trem de Fast retornando de Hollywood, no verão de 1943, Frank Tuttle estava entusiasmado com *Black Reconstruction in America*, um livro que ele recém havia lido, escrito pelo erudito e ativista afro-americano W.E.B. Du Bois (...).

Quando Fast chegou em casa, ele leu o livro de oitocentas páginas de Du Bois. "Aquilo queimou um buraco em mim", ele disse. Publicado pela primeira vez em 1935, *Black Reconstruction* derrubou completamente as noções racistas e anedóticas que eram a fundação do "conhecimento" sobre o período da Reconstrução até 1935. A pesquisa de Du Bois desacreditou completamente, mesmo que não tenha destruído inteiramente, o mito que o Sul pós-emancipação havia degenerado, por causa da "incapacidade do negro", em uma anarquia política e econômica e que havia sido mantida em um estado de caos pelas forças da União durante sua ocupação militar". Tradução minha.



Efetivamente, a obra de Du Bois, que chegou a frequentar a casa de Fast ao longo das décadas de 1940 e 1950, foi um marco fundamental na historiografia da Reconstrução. Contando com uma ampla e profunda pesquisa documental, Du Bois destruía a mitologia racista, entranhada tanto no senso comum e quanto na história acadêmica, de que a Reconstrução havia sido um período marcado pela corrupção e pela degeneração da sociedade sulista, devido à incapacidade do negro²⁴. Inversamente, *Black Reconstruction in America* demonstrava o sucesso da experiência de integração do período, no sentido da ampliação da democracia, da cooperação entre negros e brancos e extensão de direitos à população negra recém-saída da escravidão.

A leitura deste grande trabalho de pesquisa teve um grande impacto em Howard Fast e a escrita de *Freedom Road* se mostrou profundamente influenciada por suas ideias. Sorin (2012, p. 66) chega a afirmar que uma das principais virtudes do romance foi justamente a de trazer “W.E.B. Du Bois’s scholarship to a wider audience, one mostly fed on blatantly racist films and on history written by authors intent on showing that black suffrage was the greatest error of the Civil War era”²⁵.

Entretanto, *Black Reconstruction in America* não foi a única fonte utilizada por Fast para embasar os aspectos sócio-históricos de *Freedom Road*. No posfácio do próprio romance (FAST, 1995, p. 262), ele relaciona diversos outros livros e documentos que consultou:

(...) all the essentials of this story are true. There was not one Carwell²⁶ in the south at that period, but a thousand, both larger and smaller. All that I have told about as being done at Carwell was duplicated in many other places. White men and black men lived together, worked together, and built together, much as I have described here. In many, many places, they died together in defense of what they had built. There are enough sources for the person who cares to check on these facts. On the Ku Klux Klan Conspiracy, there is the testimony taken by the Joint Select Committee to inquire into the condition of affairs in the late insurrectionary states, thirteen volumes of incredible material. There is the report of the State Committee detailed to inquire into the Mississippi elections of 1875, two volumes. There is Carl Schurz’s report to Congress on Conditions in South Carolina, Georgia, etc. There is Hollowell’s *Negro as a Soldier in the War of Rebellion*. There is *South Carolina During Reconstruction*, by Simkins and Woody. And that is only a beginning; there are the newspapers of the time; there are Congressional debates; there are editorials,

²⁴ Havia inclusive toda uma escola historiográfica nos Estados Unidos baseada justamente nestas concepções racistas sobre a Reconstrução, a chamada Dunning School (SMITH, 2013).

²⁵ “o estudo de W.E.B. Du Bois para uma audiência mais ampla, uma alimentada, em sua maior parte, por filmes flagrantemente racistas e por uma história escrita por autores decididos a mostrarem que o sufrágio negro foi o maior erro da era da Guerra Civil”. Tradução minha.

²⁶ Em *Freedom Road*, Carwell era o nome da fictícia propriedade senhorial abandonada onde habitavam Gideon e sua comunidade.



from both northern and southern papers, that showed complete awareness of the wholesale slaughter and destruction that was going on²⁷.

Neste trecho, Fast manifesta explicitamente a base de pesquisa, tanto bibliográfica quanto em fontes documentais da época, que fundamentou a escrita de *Freedom Road*. Mais do que isto, ele acreditava que este esforço de pesquisa havia possibilitado compor uma narrativa literária que era essencialmente verdadeira. O mesmo entendimento é apresentado por Sorin na citação imediatamente anterior, ao dizer que *Freedom Road* vinha corrigir a imagem distorcida pelo racismo que o público americano tinha do período da Reconstrução. Implicitamente, Sorin sugere que, ao adaptar o estudo de Du Bois para uma obra de ficção histórica, Fast ampliava sua audiência e agia no sentido de divulgar a verdade acerca daquela época da Reconstrução. O próprio Du Bois (FAST, 1994, p. 84) acabou por elogiar a fidelidade histórica apresentada pelo romance de Fast, ao afirmar que “His story is fiction, but his basic historical accuracy is undisputable (...)”²⁸. De fato, Fast (1995, p. 262) mesmo chegou a manifestar seu desejo de contribuir para a restauração da verdade a respeito deste período da história americana que, na sua visão, havia sido propositalmente deturpado:

When the eight-year period of Negro and white freedom and cooperation in the south was destroyed, it was destroyed completely. Not only were material things wiped out and people slain, but the very memory was expunged. Powerful forces did not hold it to be a good thing for the American people to know that once there had been such an experiment – and that the experiment had worked. That the Negro had been given the right to exist in this nation as a free man, a man who stood on equal ground with his neighbor, that he had been given the right to work out his own destiny in conjunction with the southern poor whites, and that in an eight-year period of working out that destiny he had created a fine, a just, and a truly democratic civilization²⁹.

²⁷ “(...) todos elementos essenciais desta estória são verdadeiros. Não havia uma Carwell no Sul naquele período, mas milhares, tanto maiores como menores. Tudo que eu contei como acontecendo em Carwell foi duplicado em muitos outros lugares. Homens brancos e negros viveram juntos, trabalharam juntos e construíram juntos, tanto quanto eu descrevi aqui. Em muitos, muitos lugares, eles morreram juntos em defesa do que construíram. Existem fontes suficientes para a pessoa que se importar em checar estes fatos. Sobre a conspiração do Ku Klux Klan, há o testemunho colhido pelo *Joint Select Committee* para investigar as eleições do Mississippi de 1875, dois volumes. Há o relatório de Carl Schurz ao Congresso sobre as condições na Carolina do Sul, Geórgia, etc. Há o *Negro as a Soldier in the War of Rebellion* (“O Negro como Soldado na Guerra de Rebelião”) de Hollowell. Há o *South Carolina During Reconstruction* (“Carolina do Sul durante a Reconstrução”), de Simkins e Woody. E isto é apenas um começo; há jornais da época; há debates congressionais; há editoriais, tanto de jornais do Norte como do Sul, que mostravam completa consciência da matança e destruição generalizadas que estavam ocorrendo”. Tradução minha.

²⁸ “Sua história é ficção, mas sua precisão histórica básica é incontestável (...)”. Tradução minha.

²⁹ “Quando o período de oito anos de liberdade e cooperação dos negros e brancos no Sul foi destruído, ele foi destruído completamente. Não apenas as coisas materiais foram aniquiladas e as pessoas mortas, mas a própria memória foi expurgada.

Forças poderosas não consideraram ser uma boa coisa para o povo americano saber que uma vez houve tal experimento – e que o experimento havia funcionado. Que ao negro foi dado o direito de existir nesta nação



Em síntese, podemos perceber como, tanto em *The Last Frontier* como em *Freedom Road*, Fast empreendeu um importante esforço de pesquisa, abarcando fontes documentais, bibliografia sobre o tema, além da sua própria experiência de viagem, respectivamente para o Oeste e para o Sul dos Estados Unidos, onde pôde pessoalmente tomar contato com questões que iria trabalhar nestes romances. Ademais, podemos dizer que esta base de pesquisa que alicerçava suas obras estava relacionada ao seu objetivo de escrever uma ficção histórica que se apresentasse ao público norte-americano como uma história verdadeira e que corrigisse as distorções e equívocos das versões apresentadas pelo senso comum e por boa parte da historiografia da época, permeadas por uma ótica racista e conservadora.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, o presente artigo constitui uma tentativa de articular os desenvolvimentos teóricos relacionados à corrente do narrativismo, especificamente no sentido de considerar a literatura como uma forma legítima de representação histórica – como contraponto do reconhecimento do componente narrativo-ficcional da escrita da história – com o caso específico do escritor norte-americano Howard Fast. De fato, ao longo de minha pesquisa a respeito das obras de ficção histórica publicadas por Fast, foi possível perceber que ele empreendia uma sólida pesquisa bibliográfica a respeito da temática, questão, ou época do passado a ser retratada.

No caso específico de *The Last Frontier* e *Freedom Road*, dois dos romances de maior sucesso da primeira fase de sua carreira, Fast buscou ampliar seus conhecimentos relacionados ao episódio da diáspora do povo cheyenne pelo Meio-Oeste, bem como sobre a era da Reconstrução no Sul. Inspirado pelos ideais que influenciavam decisivamente sua produção literária – sobretudo, seu posicionamento de esquerda, sua identificação com os princípios e conceitos do materialismo marxista, sua postura humanista, sua defesa dos ideais americanistas de liberdade e democracia, seu olhar para o passado para enxergar a luta constante da humanidade para a defesa e conquista destes valores, seu antifascismo e sua

como um homem livre, um homem que estava em pé de igualdade com seu vizinho, que a ele havia sido dado o direito de resolver seu próprio destino em conjunção com os brancos pobres do Sul, e que em um período de oito anos de resolução deste destino ele havia criado uma boa, justa e verdadeiramente democrática civilização”. Tradução minha.



identidade judaica que articulava uma empatia política e uma postura antirracista – Fast tinha a intenção de escrever obras de ficção histórica que contassem de forma verdadeira os eventos e os períodos retratados.

Neste sentido, Fast propunha justamente que a sua literatura servisse para resgatar, para seu público leitor, a verdade acerca de episódios da história dos Estados Unidos que haviam sido distorcidos pelo conservadorismo e racismo dos veículos culturais americanos e mesmo da própria historiografia nacional. Dessa forma, sua produção literária vem ao encontro da principal concepção defendida pelo presente artigo: o de que a literatura constitui uma representação legítima do passado, capaz de criar uma identificação do público leitor para com ele, de alimentar memórias de eventos e períodos históricos, bem como de fomentar debates e questionamentos relevantes, junto à opinião pública de uma sociedade. Como manifestaram autores como Southgate, Rigney e Slotkin, a ficção histórica imaginativa é capaz de produzir novos olhares sobre o passado, entrever novos eventos e grupos sociais ignorados pela história, recuperar “como possibilidades imaginadas” (SLOTKIN, 2005, p. 231) os movimentos e ideais descartados ao longo do desenvolvimento de uma sociedade, e, assim, ajudar a renovar a criatividade historiográfica, expandindo seus interesses e preocupações, e a “manter abertos os horizontes históricos” (SOUTHGATE, 2014, p. 10). Precisamente por causa destas características, a literatura constitui um objeto de renovado interesse para o historiador disposto a compreender o modo como imagens, concepções e sentidos a respeito do passado circulam, transformam-se e renovam-se em uma sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. **Heterologies**: discourse on the other. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

DU BOIS, William Edward Burghardt. **Black reconstruction in America**. Piscataway: Transaction Publishers, 2013.

FAST, Howard. **Being red**. Armonk: M.E. Sharpe, 1994.

FAST, Howard. **Freedom road**: a new edition with primary documents and introduction by Eric Foner. Armonk: M.E. Sharpe, 1995 [Ed. Kindle da Amazon].

FAST, Howard. **The last frontier**: a new edition with a special introduction by the author. Armonk: M.E. Sharpe, 1997 [Ed. Kindle da Amazon].



KLEIN, Rafael Belló. *O homem e os livros: os princípios norteadores da literatura de Howard Fast*. In: **Fenômenos culturais no amálgama social – Reunião de Artigos do CIPCS**. Jaguarão: CLAEC, 2018, p. 1163-1176.

KUUKKANEN, Jouni-Matti. **Postnarrativist philosophy of historiography**. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

RIGNEY, Ann. **Imperfect histories: the elusive past and the legacy of romantic historicism**. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

ROBINSON, Alan. **Narrating the past: historiography, memory and the contemporary novel**. London: Palgrave Macmillan, 2011.

SLOTKIN, Richard. *Fiction for the purposes of history*. **Rethinking History**, Londres, vol. 9, n. 2/3, Junho/Setembro de 2005, p. 221-236.

SMITH, John David; LOWERY, J. Vincent (eds.). **The dunning school: historians, race and the meaning of reconstruction**. Lexington: The University Press of Kentucky, 2013.

SORIN, Gerald. **Howard Fast: life and literature on the left lane**. Bloomington: University of Indiana Press, 2012.

SOUTHGATE, Beverley. **History meets fiction**. New York: Routledge, 2014.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 2014.